



ARAUTOS DO EVANGELHO

E-book

Meditando os Mistérios do Rosário

III - MISTÉRIOS DOLOROSOS



Índice

Enquanto os discípulos dormem, Maria reza _____	5
--	---

1º MISTÉRIO DOLOROSO

Agonia de Nosso Senhor no Horto das Oliveiras

Seja feita a vontade de Deus e não a minha _____	15
<i>I - A luta contra o pavor e a tristeza</i> _____	17
<i>II - Acima de tudo seja feita a vontade divina</i> _____	20
<i>III - Vigiar e orar para consolar Jesus</i> _____	23
<i>Conclusão</i> _____	26

2º MISTÉRIO DOLOROSO

A Flagelação de Nosso Senhor Jesus Cristo

Não sejam em vão os sofrimentos do Redentor _____	29
<i>I - A Flagelação</i> _____	31
<i>II - “Qual a utilidade do meu Sangue?”</i> _____	34
<i>III - Não seja em vão o Sangue derramado por Cristo</i> _____	37
<i>Conclusão</i> _____	40

3º MISTÉRIO DOLOROSO

Coroação de Espinhos de Nosso Senhor Jesus Cristo

Pela paciência encontramos a paz _____	43
<i>I - O Rei dos Céus coroadado de espinhos</i> ____	45
<i>II - “Eis o Homem”</i> _____	47
<i>III - O papel do sofrimento em nossa vida</i> _____	51
<i>Conclusão</i> _____	55

4º MISTÉRIO DOLOROSO

Jesus carrega sua Cruz até o Calvário

Sinal do nosso triunfo e salvação _____	59
<i>I - Na Cruz, o peso dos nossos pecados</i> ____	61
<i>II - É nesta terra que merecemos o Céu</i> ____	63
<i>III - Símbolo do triunfo de Cristo e dos cristãos</i> _____	66
<i>Conclusão</i> _____	68

5º MISTÉRIO DOLOROSO

Crucifixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo

A morte de Jesus é nossa vida _____	73
<i>I - Causa da beleza de nossas almas</i> ____	75
<i>II - Maria, nossa Mãe junto à Cruz do Filho</i> _____	77

<i>III - A Paixão de Cristo nos leva ao Céu</i>	__	80
<i>Conclusão</i>	_____	84



Enquanto os discípulos dormem, Maria reza

*“Felizes as pessoas que rezam
bem o Santo Rosário, porque
Maria Santíssima lhes obterá
graças na vida, graças na hora
da morte e glória no Céu”.*

(Santo Antônio Maria Claret)

Cada um dos mistérios do Santo Rosário é muito significativo, trazendo-nos uma parte da história de Nosso Senhor Jesus Cris-

to. Quando iniciamos a recitação, ao meditarmos os *Mistérios Gozosos*, primeiro nos vem a sensação de espanto e encantamento com a aparição do Arcanjo São Gabriel à Virgem Maria e o anúncio do nascimento do Messias.

Nos sentimos acolhidos ao contemplar a visita de Nossa Senhora a Santa Isabel, quando Ela é saudada de forma especial pela prima e por São João Batista, ainda no ventre da mãe.

Em seguida, nos enchemos de uma intraduzível ternura com o nascimento do Menino Jesus e a sua apresentação no Templo. Nos colocamos ao lado de Maria e José e nos sentimos na presença de Ana e Simeão, reconhecendo, naquele frágil Menino, a figura do Salvador.

Chegamos a ficar aflitos quando São José e Nossa Senhora se dão conta de que Jesus não voltava com eles de Jerusalém.

Nos *Mistérios Luminosos*, somos banhados pela alegria do Batismo e ficamos admirados com a docilidade de Jesus ao atender o pedido de sua Santa Mãe, transformando água em vinho nas Bodas de Caná.

Depois, no início da Boa-Nova, acompanhamos a escolha dos Apóstolos; junto com São João, São Tiago e São Pedro, nos senti-

mos arrebatados ao presenciar a transfiguração de Nosso Senhor no Monte Tabor.

E, por fim, nos sentimos completos ao receber a sagrada herança da Eucaristia. São mistérios que nos completam e nos deixam extasiados.

No entanto, eis que chegam os *Mistérios Dolorosos*, e tudo se transforma...

Mistérios Dolorosos

Neste terceiro volume da série *Meditando os Mistérios do Rosário*, você acompanhará as reflexões de Mons. João Scognamiglio Clá Dias, fundador dos Arautos do Evangelho, sobre os *Mistérios Dolorosos*, que contemplam:





- * *A agonia de Nosso Senhor
no Horto das Oliveiras;*
- * *A flagelação imposta por Pilatos;*
 - * *A coroação de espinhos;*
 - * *O carregamento da Cruz,
a caminho do Calvário;*
 - * *A Crucifixão e Morte de
Nosso Senhor Jesus Cristo.*



Diferente do que sentimos enquanto meditamos os *Mistérios Gozosos* e os *Luminosos*, ao contemplarmos os *Mistérios Dolorosos* recebemos uma avalanche de dor, decepção, humilhação e indignação diante da traição e da maneira cruel como nosso Redentor foi tratado.

No entanto, não podemos parar no sofrimento, porque esses mistérios nos fazem sentir, de uma maneira muito especial, o tanto que Deus nos ama e o quão importante foi para Ele demonstrar-nos isso pelo Sacrifício de seu Sagrado Filho.

São mistérios que tocam nossa alma de maneira profunda e nos fazem ver que quaisquer dificuldades que atravessemos, por maiores e mais desafiadoras que pareçam, são insignificantes perto de cada passo da dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

É importante lembrar, também, que nossos sofrimentos são consequências do pecado, enquanto os sofrimentos de Jesus são fruto do amor.

E, junto d'Ele, o tempo todo, temos a presença de Maria, acompanhando, em silêncio, cada momento daquele tenebroso evento.

Os Apóstolos não conseguiram se manter acordados enquanto Jesus Se afastava para



rezar. Porém, Maria, mesmo não estando presente no Horto das Oliveiras, Se mantinha de joelhos, rogando por seu Filho. Vejam que imenso é este mistério: a Mãe de Deus rogando pelo próprio Deus!

Mais tarde, anônima entre a multidão, Ela acompanhou a flagelação, a coroação de espinhos, a escolha de Barrabás por aquele povo injusto que, antes, seguia seu Divino Filho, recebendo d'Ele uma profusão de milagres.

Maria sentiu na sua alma a dor do corpo flagelado, a agonia do corpo que caiu por três vezes sob o peso da Cruz, a vergonha pela nudez do corpo para o qual Ela teceu túnicas perfeitas.

Em pé, Maria “expirou” com Cristo na Cruz. Com uma força que sequer podemos imaginar, Ela recebeu em seus braços o corpo sem vida do amado Filho. E, resignada, Ela foi sepultada com Ele, depositando naquele sepulcro toda a sua esperança, porque Ela foi a única que, verdadeiramente, nunca deixou de acreditar na Ressurreição.

Ainda hoje, enquanto os discípulos dormem, Maria reza. Entretanto, hoje, Ela reza por nós, discípulos distraídos e sem perseverança, para que sejamos retirados do amargo sono da indiferença e do relativismo.

Com esse terceiro volume das *Meditações dos Mistérios do Rosário*, especialmente úteis na prática da Devoção dos Primeiros Sábados, mas também utilíssimas para a recitação do Santo Rosário no seu dia a dia, desejamos que você possa se aprofundar nessas meditações tão importantes e significativas, deixando-se conduzir pelo sublime amor de Cristo e buscando consolação para suas dores no Imaculado Coração de Maria, que tanto sofreu durante a Paixão, e no entanto não se

curvou, porque tinha plena confiança na vitória final.

E, para que você comece bem a leitura deste e-book, lembramos um conselho que o Dr. Plinio Corrêa de Oliveira, orientador de nosso fundador, Mons. João Clá, dava aos seus filhos espirituais:

“Quando rezarem os Mistérios Dolorosos, em que Nosso Senhor Jesus Cristo sofreu por nós, peçam a Ele que lhes dê a virtude da fortaleza, do amor à luta, à cruz, ao sofrimento. A cruz de muitos de nós se chama luta – dentro da lei de Deus e dos homens. É preciso ter este amor e pedir sempre por meio de Nossa Senhora, porque, sem Ela, a nossa oração não chega a Nosso Senhor”.





*Meditando os
Mistérios do Rosário*

- III -

MISTÉRIOS DOLOROSOS



AGONIA DE NOSSO SENHOR NO HORTO DAS OLIVEIRAS

*Seja feita a vontade de
Deus e não a minha*

Composição de Lugar

Procuremos imaginar o Jardim do Get-sêmani na noite em que Jesus ali Se recolheu para sua vigília antes da Paixão: um amplo horto onde se erguiam grandes oliveiras, tocadas pelos fulgores prateados de uma lua cheia que, vez ou outra, aparecia entre nuvens carregadas.

O Salvador está de joelhos junto a algumas pedras nas quais seus braços se apoiam; sua fisionomia contristada e aflita demonstra toda a amargura que Lhe inunda o Coração. Num canto afastado do jardim, os apóstolos Pedro, Tiago e João dormem pesadamente.




Oração

Preparatória

*Ó Mãe e Senhora de Fátima,
por esta meditação alcançai a
graça de me unir intimamente
ao sofrimento redentor de vos-
so Divino Filho, tendo por Ele
a mesma compaixão e a mesma
compreensão de suas dores, como
Vós, ó Mãe, tivestes naqueles do-
lorosos momentos.*

*Que, com a vossa ajuda, pos-
sa eu acompanhar meu Salvador
nestes passos de sua Paixão e, com
minhas preces e bons propósitos,
consolá-Lo em suas amarguras.
Amém.*



I - A luta contra o pavor e a tristeza

Sabendo Jesus que era chegada a hora de sua Paixão, depois de haver lavado os pés de seus discípulos e instituído o Santíssimo Sacramento do Altar – no qual Se nos deixou todo a Si mesmo –, Se dirige ao Horto de Getsêmani, onde seus inimigos iriam procurá-Lo para O prender, como já era de seu conhecimento.

1. Abismo de amargura e aflição

Quando o véu das sombras desce sobre Jerusalém, as oliveiras do Getsêmani parecem-nos reconduzir, ainda hoje, àquela noite de sofrimento e de oração vivida por Jesus. Ele Se destaca solitário, no centro da cena, ajoelhado no chão daquele jardim.

Como cada pessoa que está diante da morte, também Cristo Se sente afligido pela angústia. Aliás, a palavra que o evangelista Lucas utiliza é “agonia”, ou seja, luta. Então, a oração de Jesus é dramática, tensa como num combate, e o suor em gotas de sangue que se escorre pelo seu rosto é sinal de um sofrimento áspero e duro.

A sua alma está mergulhada num oceano de extrema amargura. Ele despoja a sua

santa humanidade da força à qual tem direito pela sua união com a divina Pessoa, e a deixa imergir num abismo de tristeza e de angústia.

2. Jesus antevê cada sofrimento da Paixão

Naquele doloroso momento, assaltou-O um grande temor da morte tão amarga que devia sofrer sobre o Calvário e de todas as desolações que deveriam acompanhá-la.

O Salvador vê antecipadamente a sua Paixão. Vê Judas, seu apóstolo amado, que O vende por algumas moedas. Vê-Se arrastado pelas ruas de Jerusalém onde ainda há alguns dias O aclamavam como Messias. Vê seu povo tão amado, tão cumulado de bênçãos, que agora vocifera contra Ele, insulta-O, reclama aos gritos a sua morte sobre a Cruz. Ouve as falsas acusações contra Ele.

Jesus Se vê flagelado, coroado de espinhos, escarnecido, apupado como falso rei. Vê-Se condenado, subindo ao Calvário, succumbindo ao peso do madeiro, trêmulo, exausto. Ei-Lo chegado ao Gólgota, despojado das roupas, estendido sobre a Cruz, impiedosamente trespassado pelos pregos, ofegante entre indizíveis torturas, e vê-Se exalando o último suspiro.

3. Carregou sobre Si nossos pecados

Tudo isto, cena após cena, passa diante dos seus olhos e O apavora, O acabrunha. Desde o primeiro instante tudo avaliou, tudo aceitou. Jesus sente vivamente no espírito, mergulhado na maior solidão, tudo o que vai sofrer por ter carregado sobre Si os nossos pecados: para esta falta, tal pena; para aquela outra falta, tal outra pena...

Na História lê-se que muitos penitentes, iluminados pela luz divina sobre a malícia de seus pecados, chegaram a morrer de pura dor. Que tormento, portanto, suportou Jesus à vista de todos os pecados, blasfêmias, sacrilégios, desonestidades e de todos os outros crimes cometidos pelos homens depois de sua morte, dos quais cada um vinha com sua própria malícia, à semelhança de uma fera cruel, dilacerar seu coração?

Vendo isto, dizia então nosso aflito Senhor, agonizando no horto: “É esta, ó homens, a recompensa que vós me dais pelo intenso amor meu? Oh! Se Eu visse que vós, gratos ao meu afeto, deixaríeis de pecar e começaríeis a amar-Me, com que alegria iria agora morrer por vós. Mas ver, depois de tantos sofrimentos meus, ainda tantos pecados; depois de tão grande amor meu, ainda tantas ingratições, é isto justamente o que mais Me aflige,

Me entristece até à morte e Me faz suar sangue vivo”.

Devo considerar que entre estes ingratos estou eu, que também afligi e causei amargura a meu Redentor, por causa dos meus pecados. Certo é que, se eu houvesse pecado menos, menos teríeis padecido, ó meu Jesus!

Senhor, quero me arrepender de todos eles e vos consolar com o meu propósito de praticar a virtude e buscar a santidade que esperais de mim, com a ajuda de vossa Santíssima Mãe, Maria.

II - Acima de tudo seja feita a vontade divina

Nosso Senhor está prostrado, com o rosto em terra, diante da Majestade do Pai. Jaz no pó, irreconhecível, ensanguentada, a santa face do Homem-Deus. Por quê? Para expiar a nossa arrogância e nos ensinar a nós, criaturas orgulhosas, que para alcançarmos o Céu temos de nos humilhar até a terra.

1. Assumiu nossa fraqueza para nos tornar fortes

Em seguida, Jesus Se levanta, volta para o Céu um olhar suplicante, ergue os braços, reza. Cobre-Lhe o rosto mortal palidez! Im-

plora ao Pai com confiança filial, mas sabe bem qual o lugar que Lhe foi marcado. Sabe-Se Vítima a favor de toda a raça humana, exposta à cólera de Deus ultrajado. Sabe que só Ele pode satisfazer a justiça infinita e conciliar o Criador com a criatura.

De um lado, a sua natureza está literalmente esmagada e se insurge contra tal sacrifício; de outro, o seu espírito está pronto à imolação e o duro combate continua.

“Jesus, como podemos pedir-vos para sermos fortes, quando vos vemos tão fraco e acabrunhado?” – pergunta São Pio de Pietrelcina. E responde: “Sim, compreendo! Tomastes sobre Vós a nossa fraqueza. Para nos dardes a vossa força, vos tornastes a Vítima Expiatória. Quereis ensinar-nos como só em Vós devemos depositar confiança, até quando o Céu nos parecer duro como o bronze”.

2. “Se é possível, afasta de Mim este cálice”

Na sua agonia, Nosso Senhor é assaltado por uma grande repugnância pelo que devia sofrer, e por isso suplica ao Pai que O livre disso: “Meu Pai, se for possível, afasta de Mim este cálice”. É o grito da natureza que, abatida, recorre cheia de confiança ao Céu. Embora

saiba que não será atendido, porque não deseja sê-lo, contudo suplica pelo socorro do alto.

Meu Jesus, por que pedis o que não podeis obter? Que mistério vertiginoso! A mágoa que vos dilacera vos faz mendigar a ajuda e o conforto, mas o vosso amor por nós e o desejo de nos levar a Deus vos faz dizer: “Não se faça a minha vontade, mas a vossa”.

3. A grande lição de Jesus no Horto das Oliveiras

No mesmo instante em que Se submeteu à vontade do Pai, apareceu-Lhe um Anjo para confortá-Lo. Então compreendemos a gran-



de lição de Jesus no Horto das Oliveiras: Ele orou assim para nos ensinar que bem podemos pedir a Deus nas tribulações que nos livre delas, mas ao mesmo tempo devemos nos submeter à sua vontade e dizer então como Jesus: “Contudo, não se faça como eu quero, mas como Vós quereis”.

Sim, meu Jesus, não se faça a minha vontade, mas a vossa. Eu aceito todas as cruzes que quiserdes enviar-me. Vós, inocente, tanto sofrestes por meu amor; é justo que eu, pecador, merecedor das penas do Inferno, padeça por vosso amor tudo o que determinardes.

Que eu saiba me resignar diante da dor, do sofrimento, e até da derrota e do fracasso, se for preciso. E a exemplo do que ocorreu convosco no Horto, a graça divina me consolará também, sob o maternal amparo de Maria Santíssima, que nunca nos abandona em nossas provações.

III - Vigiar e orar para consolar Jesus

Nosso Senhor não queria estar sozinho naquela noite no Horto das Oliveiras. Seu Coração desolado tinha sede de ser confortado. Por isso havia levado consigo os três apóstolos e pedido a eles que vigiassem e orassem, unidos a Ele.

Depois que o Anjo se afastou, Jesus levanta-Se, dá alguns passos vacilantes e Se aproxima dos discípulos que deveriam estar acordados. Estes, pelo menos, os amigos de confiança, hão de compreender e partilhar da sua mágoa.

1. Orar e vigiar para não cair em tentação

Jesus, porém, os encontra adormecidos! A emoção, a hora tardia, o pressentimento de alguma coisa horrível e irreparável, a fadiga, e ei-los mergulhados em pesado sono. Nosso Senhor tem piedade de tanta fraqueza. “O espírito está pronto, mas a carne é fraca”. Acordá-os e os interroga, num tom ao mesmo tempo de censura e de compaixão: “Não podeis velar uma hora comigo?” E, não pensando senão no bem dos seus seguidores, os adverte: “Levantai-vos e orai, para não cairdes em tentação”.

Jesus parece dizer-lhes: “Se Me esqueceste tão depressa, a Mim, que luto e sofro, pelo menos no vosso próprio interesse, velai e orai!” Mas eles, tontos de sono, mal O ouvem.

Ah, Senhor, essa advertência é também dirigida a mim, que tanto vos tenho ofendido por minhas faltas, e tanto tenho “dormido” nos cuidados com minha alma, em vez de vigiar e de rezar para não cair em tentação!

Perdoai-me, Senhor, por minhas debilidades que vos causaram dor e aflição no Jardim das Oliveiras. Dai-me forças para emendar-me de meus defeitos e não mais me deixar levar pelo sono da tibieza e da preguiça espiritual que me separam de Vós.

2. Consolemos o Coração de Jesus

Por fim, já não havia mais tempo para o sono dos discípulos. Os inimigos se aproximavam e a Paixão do Senhor iria se desenrolar em todo o seu cruel sofrimento. Jesus exclama: “É a hora do poder das trevas! De livre vontade entrego-Me à morte redentora. Judas acorre para trair-Me, e Eu vou ao seu encontro. Permitirei que se cumpram à risca as profecias. Chegou a minha hora: a hora da misericórdia infinita”.

“Ó meu Jesus”, exclama São Pio de Pietrelcina, “quantas almas generosas, ao contrário dos apóstolos adormecidos, tocadas pelos vossos lamentos, vos fazem companhia no Jardim das Oliveiras, compartilhando da vossa amargura e da vossa angústia mortal! Quantos corações têm respondido generosamente ao vosso apelo através dos séculos! Possam eles vos consolar e, participando do vosso sofrimento, possam eles cooperar na obra da salvação!”

Possa eu próprio, Senhor Jesus, ser desse número e vos consolar um pouco, aceitando

com amor as penas e aflições desta vida de exílio. Uno-me com toda a veemência aos vossos méritos, às vossas dores, à vossa expiação, às vossas lágrimas, para poder trabalhar convosco na obra da salvação. Possa eu ter a força de fugir do pecado, causa única da vossa agonia, do vosso suor de sangue e da vossa morte.

Conclusão

Encerremos esta meditação fazendo o firme propósito de atendermos ao apelo do Divino Mestre, permanecendo vigilantes e em atitude de oração ao lado d'Ele, enquanto suas dores e aflições redentoras se manifestam no Horto das Oliveiras.

Que Maria Santíssima, a Mãe Dolorosa e plena de misericórdia, nos recomende a este Filho afligido e triste por meu amor. Contemplemos, uma vez mais, o Cordeiro de Deus que veio tirar os pecados do mundo, acabrunhado de amargura num recanto do Getsêmani. E em vez de nos deixar abater pelo sono da indiferença, elevemos com Ele nossas preces ao Pai, pedindo forças para enfrentarmos com ânimo e confiança todas as provações que a Divina Providência permitir em nossa vida.

Contemos, para isso, com o incansável e terno socorro de nossa Mãe Celestial, a quem suplicamos com todo o fervor:



Salve Rainha

Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve. A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A Vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, Advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei; e depois deste desterro nos mostrai Jesus, bendito Fruto do vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria.

V. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus,

R. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.





A FLAGELAÇÃO
DE NOSSO SENHOR
JESUS CRISTO

*Não sejam em vão os
sofrimentos do Redentor*

Composição de Lugar

Façamos a nossa composição de lugar e vejamos com os olhos da imaginação o Divino Salvador sendo arrastado pelos algozes para o pátio do pretório de Pilatos. Ali eles O despojam de suas vestes e O amarram com requintes de crueldade a uma coluna, expondo seu corpo aos açoites da flagelação. Contemplemos como o Redentor Se submete voluntariamente a tais sofrimentos e, de cabeça baixa, espera por esse martírio.

Oração Preparatória

Ó Coração Sapiencial e Imaculado de Maria, vinde em auxílio de nossa humana debilidade e ajudai-nos a bem realizarmos esta devoção reparadora, meditando o doloroso mistério da flagelação de vosso Divino Filho.

Rogai a Ele, o verdadeiro Cordeiro Pascal que Se imolou por nossa salvação, que nos conceda as graças necessárias e abundantes para colhermos deste piedoso exercício os frutos de arrependimento e de mudança de vida que os sofrimentos de Cristo nos impelem a praticar.

Fazei, ó Mãe, com que possamos compreender o quanto nossas faltas e pecados contribuíram para os atrozes tormentos que sobre Ele Se abateram, e que, por nossa conversão, não tenha sido inútil o Preciosíssimo Sangue pelo qual fomos resgatados. Amém.

I - A Flagelação

Entremos no pretório de Pilatos, convertido em horrendo teatro de ignomínias e dores de Jesus, e consideremos quanto foi injusto, ignominioso e cruel o suplício que aí sofreu o Salvador do mundo.

1. Castigo reservado aos escravos

Vendo Pilatos que os judeus continuavam a bradar contra Jesus, injustissimamente O condenou a ser flagelado. Pensou esse iníquo juiz que com esse bárbaro tratamento despertaria a compaixão dos inimigos e O livraria da morte. Era a flagelação castigo reservado só aos escravos.

Nosso amoroso Redentor, diz São Bernardo, não só quis tomar a forma de escravo, sujeitando-Se à vontade de outrem, mas a de um mau escravo, para ser castigado com açoites e assim pagar a pena merecida pelo homem feito escravo do pecado. “Um Deus flagelado! Causa mais espanto um Deus sofrer o mais insignificante golpe do que os homens todos e todos os Anjos serem destruídos e aniquilados”, exclama Santo Afonso de Ligório.

E com o mesmo santo devemos exclamar: “Ó Filho de Deus, ó grande amante de minha alma! Como pudestes Vós, Senhor de infinita

majestade, amar tanto um objeto tão vil e ingrato como eu sou, submetendo-vos a tantas penas para livrar-me do castigo merecido?”

2. Cristo quis submeter-Se aos cruéis flagelos

Segundo revelações privadas, quando chegou no local da flagelação, o próprio Jesus Se despojou de suas vestes ao mando dos algozes, abraçou a coluna e entregou as mãos para serem ligadas. Ele aceitou aquele sofrimento e quis Se submeter a ele, para cumprir sua missão redentora.

Com a cabeça baixa, olhando para a terra, Nosso Senhor esperou pelo horrendo tormento. E eis que os bárbaros, como cães raivosos, arremetem com seus açoites contra o Inocente Cordeiro. Cobrem-Lhe o corpo inteiro de pancadas e açoites, sem escapar nem a sagrada cabeça e a bela face. O divino Sangue corre de todas as partes e embebe os flagelos, as mãos dos algozes, a coluna e a terra.

As chagas sucedem-se às chagas, golpes a novos golpes, e as fraturas às fraturas. Os açoites não só cobriam de feridas seu corpo inteiro, como também arrancavam pedaços de carne, rasgando-o totalmente. Diz Cornélio a Lápide que, nesse tormento, Jesus Cristo deveria naturalmente morrer; quis, porém, com

sua virtude divina conservar a vida, a fim de sofrer penas ainda maiores por nosso amor.

3. Ferido por causa dos nossos pecados, especialmente a impureza

Diante de tantos e tão terríveis castigos, nos perguntamos por que o Pai permitiu que seu Filho os sofresse. “Eu o castiguei por causa dos crimes de meu povo” (Is 53, 8), responderá o Senhor pelos lábios do Profeta Isaías. E Santo Afonso acrescenta: “É como se Deus dissesse ainda: *‘Eu sei que meu Filho é inocente; visto, porém, que Ele Se ofereceu para satisfazer a minha justiça por todos os pecados dos homens, convém que Eu o abandone ao furor de seus inimigos’*”.

Sim, para pagar os nossos delitos e em especial os pecados de luxúria e impureza, quis o Senhor que fosse dilacerada sua carne puríssima. Quem não exclamará com São Bernardo: “Ó caridade incompreensível do Filho de Deus para com os homens!”

Ah, meu Senhor flagelado, agradeço-vos tão grande amor e arrependo-me de ter-me unido eu também, com os meus pecados, aos vossos algozes. Eu detesto, ó meu Jesus, a todos esses prazeres depravados que vos ocasionaram tantas dores.

Devo aproveitar este momento e, pelos rogos de Maria Santíssima, pedir a Jesus que me perdoe por minhas faltas e misérias, por meus pecados que tanto O fizeram sofrer e pelos quais Ele suportou tantos castigos. Que Ele não permita que voltemos a ofendê-Lo e a desgostá-Lo, mas, pelo contrário, nos conceda a graça e as forças para perseverarmos no caminho da virtude e da santidade.

II - “Qual a utilidade do meu Sangue?”

O tormento da flagelação foi um dos mais cruéis sofridos pelo Redentor na sua Paixão, porque foram muitos os algozes que O açoitaram e o número de chicotadas bem maiores do que seria suportável por um ser humano.

1. Esperavam que Jesus morresse com os açoites

De fato, temendo que Pilatos soltasse o Senhor depois de O açoitar, como já afirmara ao dizer: “Castigá-lo-ei e pô-lo-ei em liberdade”, tramaram os fariseus e os sumos sacerdotes de tirar a vida de Jesus com os açoites.

Por isso, afirmam São Boaventura e diversos santos autores, que os algozes escolheram para o suplício da flagelação os ins-

trumentos mais bárbaros, de maneira que os golpes, desferidos com espantosa brutalidade, arrancavam pedaços da bendita carne do Salvador e iam deixando a descoberto suas costelas e muitos dos seus ossos.

2. Até os que O odiavam se comoveram

Não apenas das revelações privadas e dos escritos dos Santos, mas das próprias Escrituras se deduz quanto foi desumana a flagelação de Jesus Cristo.

Com efeito, depois do castigo, Pilatos O mostrou ao povo, dizendo: “Eis aqui o Homem”. E por que O mostrou daquele jeito? Responde Santo Afonso: “Porque nosso Salvador estava reduzido a uma figura tão digna de compaixão, que ele só com O apresentar ao povo julgava mover à compaixão até seus mesmos inimigos, levando-os a não exigirem mais a sua morte”.

E acrescenta o santo: “Por que foi que, ao subir Jesus ao Calvário, as mulheres judias O acompanharam com lágrimas e lamentos? (Lc 23, 27). Talvez porque essas mulheres O amavam e O julgavam inocente? Não, as mulheres comumente seguem os sentimentos de seus maridos e por isso também elas O tinham como réu. O motivo era que Jesus, depois da

flagelação, oferecia um aspecto tão lastimoso e deplorável, que movia às lágrimas até os que O odiavam”.

3. Mas o Salvador devia morrer na Cruz

Porém, o holocausto de Cristo devia se consumir no alto do Calvário. Assim, vindo que Nosso Senhor perdera na flagelação quase todo o sangue e que estava tão privado de forças, quase não podendo mais ter-Se em pé, caindo mais de uma vez debaixo da Cruz ao longo do caminho, os algozes foram contrangidos a obrigar o Cireneu a levar o madeiro, visto que queriam-No vivo no Calvário e pregado no seu instrumento de martírio, para que seu nome ficasse para sempre infamado: “Arranquemo-lo da terra dos vivos e seu nome não seja mais recordado”, segundo a predição do Profeta (Jr 11, 19).

Ah, Senhor, profunda é a minha gratidão por saber que conservais por mim o mesmo amor que me tínheis no tempo de vossa Paixão! Mas, quão grande é a minha dor ao pensar que ofendi a um Deus tão bom... Pelos merecimentos de vossa flagelação, pelas lágrimas de vossa Mãe Dolorosa, ó meu Jesus, vos suplico o meu perdão. Arrependo-me de

vos haver ofendido e dai-me a graça de, doravante, amar-vos sempre.

III - Não seja em vão o Sangue derramado por Cristo

No Mistério da Flagelação, assim como nos demais Mistérios Dolorosos, Nosso Senhor Jesus Cristo Se nos apresenta como a Vítima pura e inocente para expiar a deformação produzida no homem pelo pecado.

Sua Paixão nos dá uma noção da gravidade das nossas culpas, que custaram ao Homem por excelência, modelo de toda a ordem da criação, tão atroz holocausto. Quanto deveríamos ter isto presente no momento em que o demônio nos tenta ou nossas inclinações nos induzem ao mal!

No fundo, ao cedermos às tentações e aos nossos defeitos, quando pecamos, enfim, esbofeteamos Jesus, como o fizeram seus cruéis algozes. E não nos esqueçamos desta outra verdade: “se eles fazem isto ao lenho verde, que acontecerá ao seco?” (Lc 23, 31). Tendo sido assim a justiça de Deus sobre o Inocente, que pôs sobre suas costas o peso de nossos crimes, o que nos acontecerá se não nos arrependermos de nossas faltas e enveredarmos pelas vias da inimizade com Deus?

1. Nosso exame de consciência

É este o momento de, recordando a Paixão e Morte de Nosso Senhor, fazermos um propósito sério de emenda de vida, deixando todos os caprichos, todos os desvios, para transformar nossa existência em um ato de reparação a tudo o que Jesus sofreu.

Tenhamos um verdadeiro arrependimento de nossas faltas, todo feito de espírito sobrenatural, a ponto de pedir de coração sincero o horror ao pecado e o amor à virtude. Que eu me ofereça inteiro para abraçar uma vida de virtude, de pureza, de humildade, de obediência, em uma palavra, de santidade, e possa fazer companhia à Mãe de Jesus, ao pé da Cruz.

2. A justiça e a misericórdia juntas na Cruz

Ao mesmo tempo, não podemos nos esquecer de que a justiça e a misericórdia se abraçam e se osculam no altar em que a Divina Vítima é oferecida. Deste modo, a Cruz não é apenas um trono de justiça, mas também de misericórdia e bondade.

Deus bem poderia ter-nos privado para sempre da participação na graça divina por causa do pecado, como fez aos anjos rebeldes. Ele, porém, inverteu a situação, envian-

do seu próprio Filho, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade.

Cheio de compaixão, Ele tomou um corpo padecente, com vistas ao martírio, a fim de reparar os pecados do homem e abrir-lhe as portas do Céu, transformando-Se Ele mesmo em Vítima da justiça divina. Só um Deus é capaz disto! Nenhuma criatura teria forças para chegar a tal extremo.

Assim, a vida divina passou a estar ao nosso alcance, e hoje, nós, batizados que vivemos na graça de Deus, temos na alma a semente da visão beatífica e nos preparamos para a felicidade eterna.

3. Que não sejam perdidas para nós as dores de Cristo

A Nosso Senhor bem se poderia aplicar a frase do salmista: “Qual a utilidade do meu Sangue?” (Sl 30,10). Esta pergunta ecoa não somente na Paixão, mas em nossos dias: que utilidade tem o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo para nós, no século XXI? Que utilidade tem esse Sangue para mim? Esse Sangue preciosíssimo derramado, até se esgotar, por mim!

Digamos, pois, a Ele, com São Bernardo: “Ó meu Senhor dilacerado, a que estado vos

reduziram nossas iniquidades! Ó bom Jesus, nós pecamos e Vós fostes castigado! Que a vossa imensa caridade seja para sempre bendita, e Vós, amado como o mereceis por todos os pecadores e especialmente por mim, que vos desprezei mais do que os outros. Ah, que não sejam perdidas para mim tantas dores e tanto Sangue!”

Conclusão

Ao finalizarmos esta meditação, volte-mo-nos uma vez mais para nossa Mãe Imaculada, a Corredentora do gênero humano, que acompanhou com indizível solicitude e maternalíssimo desvelo as dores e os tormentos padecidos por seu Divino Filho ao longo de toda a Paixão: peçamos a Ela, com firmes propósitos de arrependimento e de pesar por nossas culpas, que nos transforme de pecadores em santos, de filhos ingratos em perfeitos discípulos do Redentor que entregou até a sua última gota de Sangue para nos salvar.

Roguemos à nossa Mãe celeste que nos ajude a repararmos, por uma vida de virtude e de boas obras, todo o mal que no passado fizemos e que terão sido causas das dores de Jesus na flagelação bem como dos sofrimentos que padeceu até o “*consummatum est*” no alto do Calvário.



Salve Rainha

Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve. A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A Vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, Advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei; e depois deste desterro nos mostrai Jesus, bendito Fruto do vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria.

V. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus,

R. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.





COROAÇÃO DE ESPINHOS
DE NOSSO SENHOR
JESUS CRISTO

*Pela paciência
encontramos a paz*

Composição de Lugar

Contemplemos com os olhos da imaginação um pátio interno do pretório de Pilatos, onde Jesus esteve acorrentado a uma coluna, sendo nela cruelmente flagelado. A coluna e as pedras do chão estão manchadas do Sangue redentor de Cristo.

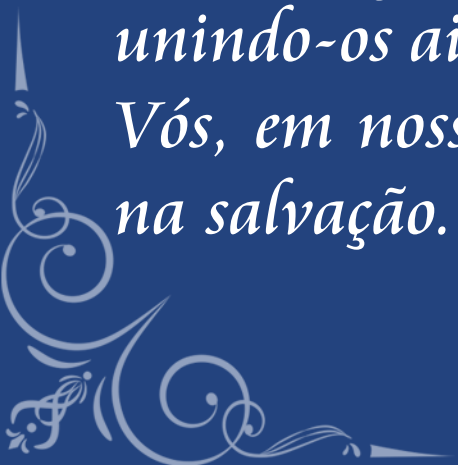
A um canto, vemos Jesus, o corpo em chagas, sentado num banco de madeira, com um manto vermelho sobre seus ombros e uma coroa de espinhos enfiada em sua cabeça. Ao seu redor, soldados romanos zombam d'Ele, batendo e cuspidando em sua adorável face. O Divino Salvador recebe todas aquelas ofensas sem pronunciar palavra, aceitando tudo por amor a nós e pela nossa redenção.



Oração Preparatória

Ó Mãe Santíssima de Fátima, alcançai-nos de vosso Divino Filho, nosso adorável Redentor, as graças e as boas disposições de espírito para meditarmos convenientemente este doloroso Mistério da Coroação de Espinhos.

Que, por vossa maternal intercessão e pela infinita bondade de Cristo, saibamos aproveitar as lições de amor à cruz e ao sofrimento que Ele nos deixou neste passo de sua Paixão, unindo-os ainda mais a Ele e a Vós, em nossa busca pela eterna salvação. Amém.



I - O Rei dos Céus coroadado de espinhos

Depois que os algozes se fartaram de açoitar Jesus durante a flagelação, desamarraram-no da coluna, jogaram sobre seus ombros ensanguentados um manto vermelho, colocaram em sua cabeça uma coroa feita por longos espinhos entrelaçados, cujas pontas O feriam cruelmente. Com risos de escárnio, prostravam-se aos seus pés, zombando de suas pretensões reais e dando-Lhe bofetadas no rosto.

A realza do Cristo, Rei do Céu e da terra, transformava-se em motivo de deboche, mas através daquele abismo de humilhações, a coroação de espinhos deixava antever o triunfo de Cristo-Rei.

1. A coroa de espinhos nos obteve uma coroa de glória no Céu

Segundo Santo Afonso de Ligório, este tormento de espinhos foi excessivamente doloroso, porque traspassaram toda a sagrada cabeça do Senhor, parte sensibilíssima, já que da cabeça partem todos os nervos e sensações do corpo. Além disso, foi o tormento mais prolongado da Paixão, pois Jesus suportou até à morte esses espinhos, tendo-os enterrados em sua cabeça. Sempre que Lhe

tocavam nos espinhos ou na cabeça, se renovavam todas as dores.

Conforme muitos escritos, baseados em revelações privadas, a coroa foi entrelaçada de vários ramos de espinhos em forma de capacete ou chapéu, de modo que envolvia toda a cabeça e descia até ao meio da testa de Jesus. Tão grande era a abundância de sangue que corria nas feridas da sagrada cabeça, que não se via em seu rosto senão sangue.

Ó amor divino, exclama Santo Afonso, quisestes ser coroado de espinhos para obter-nos uma coroa de glória no Céu! Em meio a tanto escárnio e humilhação, o gesto de Jesus é de abraçar o sofrimento. Sabemos bem que Ele jamais reclamou, mas aceitou o sofrimento que não Lhe cabia, com o intuito de abrir para nós o caminho da salvação.

Meu dulcíssimo Salvador, espero ser vossa coroa no Paraíso, salvando-me pelos merecimentos de vossas dores.

2. Nossas culpas teceram aqueles espinhos

“Ah, espinhos cruéis, ingratas criaturas, por que atormentais de tal maneira o vosso Criador?”, pergunta Santo Agostinho. Mas, responde o santo, de nada adianta acusar os

espinhos, pois eles foram instrumentos inocentes na Paixão do Senhor. Nossos pecados, nossos maus pensamentos foram os verdadeiros espinhos cruéis que atravessaram a cabeça de Jesus Cristo.

Aparecendo um dia Jesus a Santa Teresa, coroado de espinhos, a santa pôs-se a pranteá-lo. Disse-lhe, porém, o Senhor: “Teresa, não te debes compadecer das feridas que Me fizeram os espinhos; tem pena antes pelas chagas que Me fazem os pecados dos cristãos”.

Ou seja, são meus pecados atuais, minhas faltas repetidas, meus maus pensamentos e maus desejos que atormentaram a venerável cabeça de nosso Redentor. Possa eu agora abrir os olhos da alma e ver quanta dor causei ao meu Salvador; que eu possa agora me arrepende profundamente de minhas faltas e aliviar as dores que o Cordeiro de Deus sentiu por mim neste Mistério.

II - “Eis o Homem”

Pilatos, vendo o Redentor reduzido a um estado tão digno de toda a compaixão, pensou que os judeus se comoveriam ao vê-lo e, por isso, conduziu-o a uma varanda, levantou o manto vermelho e, mostrando ao povo o corpo de Jesus coberto de chagas e dilacerado, disse-lhe: “Eis aqui o Homem” (Jo 19, 4).



Como se quisesse dizer: “Eis o Homem que acusastes perante mim como se pretendesse fazer-se rei; eu, para vos agradar, condenei-O aos flagelos, ainda que inocente. Ei-Lo reduzido a tal estado que parece um homem esfolado ao qual restam poucos instantes de vida. Se, apesar de tudo, pretendeis que eu O condene à morte, afirmo-vos que não posso fazê-lo, porque não encontro motivo para O condenar”.

1. O maior de todos os reis, desprezado por suas criaturas

Mas os judeus, à vista de Jesus assim maltratado, mais se enfurecem: “Ao verem-No, os pontífices e ministros clamavam, dizendo: ‘Crucifica-O, crucifica-O!’ Vendo Pilatos que não se acalmavam, lavou as mãos à vista do povo, dizendo: ‘Sou inocente do Sangue deste justo. Fazei o que quiserdes’. E eles responderam: ‘Seu Sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos’”.

Digamos com Santo Afonso: “Ó meu amado Salvador, Vós sois o maior de todos os reis, mas agora eu vos vejo como o homem mais desprezado, dentre todos: se esse povo ingrato não vos conhece, eu vos conheço e vos adoro por meu verdadeiro Rei e Senhor. Agradeço-vos, ó meu Redentor, por tantos ultrajes por mim recebidos e suplico-vos me

deis amor aos desprezos e aos sofrimentos, já que Vós os abraçastes com tanto afeto.

Envergonho-me de haver no passado amado tanto as honras e os prazeres, chegando por sua causa a renunciar tantas vezes à vossa graça e ao vosso amor; arrependo-me disso mais que de todas as coisas. Abraço, Senhor, todas as dores que vossas mãos me enviarem; dai-me aquela resignação de que necessito. Amo-vos, meu Jesus”.

2. Que o Sangue de Cristo nos purifique de nossos pecados

Assim como Pilatos daquela varanda mostrou Jesus ao povo, do mesmo modo e ao mesmo tempo o Eterno Pai nos apresentava do alto do Céu o seu Filho dileto, dizendo-nos igualmente: “*Eis o Homem*”.

“Eis aqui esse Homem que é meu Filho muito amado, no qual pus todas as minhas complacências. Eis aqui o Homem, vosso Salvador, por mim prometido e por vós há tanto desejado. Eis aqui o Homem, o mais nobre dentre todos os homens, tornado o homem das dores. Ei-Lo, vede a que estado de compaixão O reduziu o amor que vos consagra, e amai-O ao menos por isso”.

Como os judeus, peçamos que o Sangue do Redentor desça sobre nós; não, porém,

para nos condenar, mas para nos purificar de nossos pecados, para lavar nossas almas tão culpadas pelos desgostos e ingratidões que fizeram sofrer nosso adorável Salvador, para nos obter a graça regeneradora e santificante que nos alcança o Céu.

III - O papel do sofrimento em nossa vida

Ao suportar todas as dores da coroação de espinhos e da sua Paixão, Nosso Senhor também nos ensinou a aceitar o sofrimento, que nos torna ainda mais semelhantes a Ele.

Contudo, falar de sofrimento é tratar de uma coisa que os amantes do mundo não praticam e nem sequer entendem, afirma Santo Afonso de Ligório. Somente o compreendem e o aceitam as almas que verdadeiramente amam a Deus, pois estas sabem que não se pode dar uma prova mais segura de amor ao Criador do que padecendo para dar-Lhe gosto.

1. A maior prova do amor de Cristo por nós

Aceitar o sofrimento e a dor foi, por sua vez, a maior prova que Jesus Cristo nos deu do amor que nos tinha. Ele, como Deus, nos

amou ao criar-nos, enriquecendo-nos com tantos bens, chamando-nos a gozar da mesma glória que Ele goza, mas em nenhum outro ponto nos mostrou melhor quanto nos amado que fazendo-Se homem e abraçando uma vida penosa e uma morte cheia de dores e ignomínias por nosso amor.

E nós, como demonstraremos nosso amor por Jesus Cristo? Talvez levando uma vida cheia de prazeres e delícias terrenas? Não pensemos que Deus Se compraz em nosso sofrimento: Ele não é um senhor de índole cruel que Se satisfaz vendo gemer e sofrer suas criaturas; pelo contrário, é um Deus de bondade infinita, todo inclinado a ver-nos plenamente contentes e felizes, todo repleto de doçura, afabilidade e compaixão para com os que a Ele recorrem.

2. Pela paciência devemos expiar nossas culpas

A condição, porém, de nosso infeliz estado atual de pecadores e a gratidão que devemos ao amor de Jesus Cristo, exigem que nós, por seu amor, renunciemos aos deleites deste mundo e abracemos com ternura a cruz que Ele nos destina a levar após si nesta vida, indo Ele à frente com uma cruz mais pesada que a nossa. E isso para nos levar a gozar,



depois da nossa morte, de uma vida feliz que não terá fim.

Deus, pois, não Se apraz em ver-nos sofrer; sendo, porém, a justiça infinita, não pode deixar impunes as nossas culpas.

Por isso, para que essas culpas sejam punidas e não percamos um dia a felicidade eterna, Ele quer que, pela paciência, expiemos as culpas e assim mereçamos a felicidade eter-

na. Não poderia ser mais bela e suave essa determinação da Divina Providência, que satisfaz ao mesmo tempo a sua justiça e nos faz salvos e felizes.

Devemos, por conseguinte, pôr toda a nossa esperança nos merecimentos de Jesus Cristo e, pela misericordiosa intercessão de Maria Santíssima, d'Ele esperar todos os auxílios para viver santamente e nos salvar. Certos de que o socorro divino nunca nos abandonará, façamos a nossa parte, purificando-nos de nossas faltas e aceitando com humildade e resignação a cruz que Nosso Senhor nos pede que carreguemos em nossa vida.

3. A cruz nos espera em toda parte

Escreve Tomás de Kempis: “A cruz te espera por toda parte e por isso é preciso que tenhas paciência em toda parte, se quiseres viver em paz. Se carregares a cruz com boa vontade, ela te levará ao fim desejado, que neste mundo é agradar a Deus e, no outro, amá-Lo eternamente”. Cada qual neste mundo procura a paz e desejaria encontrá-la sem sofrimento; isso, porém, é impossível no estado presente, pois as cruces nos esperam em todo lugar em que nos acharmos.

Como, pois, encontrar a paz no meio dessas dores? Pela paciência, abraçando a cruz

que se nos apresenta. Diz Santa Teresa que todo aquele que arrasta sua cruz com má vontade, sente-lhe o peso, por menor que seja; quem, porém, a abraça com boa vontade, não a sente, ainda que seja muito pesada.

O mesmo Tomás de Kempis nos convida a refletir: “Qual dos santos viveu sem a cruz? E que santo foi admitido no Céu sem a insígnia da cruz? Jesus, inocente, santo, Filho de Deus, quis padecer durante sua vida inteira e nós andamos atrás de prazeres e consolações? Para dar-nos um exemplo de paciência, quis eleger uma vida cheia de ignomínias e dores internas e externas.

Como poderemos pensar em amar Jesus Cristo, se não queremos padecer por amor d’Ele, que tanto padeceu por nós? Como poderá gloriar-se de ser discípulo do Crucificado quem recusa ou recebe de má vontade os frutos da cruz, que são os sofrimentos, os desprezos, as enfermidades e todas as coisas contrárias ao nosso amor-próprio?”

Conclusão

Que esta meditação do terceiro Mistério Doloroso nos faça, então, compreender e aceitar o papel do sofrimento em nossa caminhada rumo ao Céu. E nos leve, a partir de agora, a abraçar com maior paciência e maior amor

a Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, sempre que ela se nos apresentar em nossa existência terrena. E que, assim, possamos amenizar um pouco as dores e penas que causamos a nosso Salvador em sua crudelíssima Paixão.

Voltando-nos à nossa Santa Mãe, Rainha de Fátima, a Ela digamos: “Minha Mãe, aceitai esta meditação em desagravo ao vosso Sapiencial e Imaculado Coração, pelas ofensas que os algozes, Pilatos, o povo e todos os pecadores, inclusive cada um de nós, cometemos contra Vós e contra vosso Divino Filho.

Derramai sobre nós vossas copiosas bênçãos e alcançai-nos de Cristo abundantes graças para que jamais percamos diante de nossos olhos a imagem de Jesus coroado de espinhos, mostrando-nos o quanto devemos ser humildes e santos, para evitar que nossos defeitos se transformem em novos espinhos a ferirem a sacrossanta cabeça de nosso Redentor.

Ó Mãe, alcançai-nos a graça de sermos santos como Vós e como Ele. Para isso vos rogamos com redobrada confiança:



Salve Rainha

Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve. A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A Vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, Advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei; e depois deste desterro nos mostrai Jesus, bendito Fruto do vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria.

V. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus,

R. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.





JESUS CARREGA SUA CRUZ ATÉ O CALVÁRIO

Sinal do nosso triunfo e salvação

Composição de Lugar

Para nossa composição de lugar, imaginemos como o Divino Salvador abraçou com suma resignação a sua Cruz, logo após ser sentenciado à morte no tribunal de Pilatos. Ele a quis com todo o seu desejo de consumir o Sacrifício pela nossa Redenção.

Vejamos, com os olhos da alma, Jesus carregando sua Cruz ao longo da Via Dolorosa, até o alto do Calvário.

Oração Preparatória

Ó Santíssima Virgem de Fátima, Vós que pedistes na Cova da Iria a reparação pelos pecados cometidos contra vosso Coração Imaculado, alcançai-nos de vosso amado Filho as graças para bem meditarmos no mistério do Rosário onde O contemplamos carregando sua Cruz ao Calvário.

Que Ele ilumine nosso entendimento e nos faça compreender o amor infinito que O levou a sacrificar-Se por nossa salvação, abraçando um instrumento de opróbrio e de castigo para nos resgatar da morte e do pecado. E que, pela misericórdia d'Ele, sejamos capazes de corresponder – com nossa busca pela santidade – a esse amor indizível por nós. Amém.

I - Na Cruz, o peso dos nossos pecados

Imolando-Se por nós na Cruz, Cristo abriu-nos de novo as portas do Céu, fechadas pelo pecado de Adão e Eva. Com razão, pois, a Igreja nos convida a celebrar a festa da Exaltação da Santa Cruz, venerando de modo especial o instrumento de nossa salvação. Antes objeto de castigo e vergonha, a cruz passou a ser objeto de adoração a partir do momento em que Jesus foi nela crucificado.

1. Cordeiro que tira os pecados do mundo

Ao mostrar o Messias que Se aproximava do Rio Jordão, São João Batista exclamou: “Eis o Cordeiro de Deus, eis o que tira os pecados do mundo” (Jo 1, 29). Jesus já havia sido prefigurado nas Escrituras como o cordeiro pascal imolado no tempo de Moisés, bem como pelo sacrifício em que um cordeiro era sacrificado todas as manhãs no Templo de Jerusalém.

Todos aqueles animais, porém, não podiam abolir um único pecado e só serviam para representar o Holocausto do Cordeiro Divino Jesus Cristo, que com seu Sangue deveria lavar as nossas almas e livrá-las da mancha da culpa original. Ele tomou sobre Si

a obrigação de satisfazer à divina justiça por nós, com sua morte, e morte na Cruz.

2. Nossa obrigação para com Jesus

Ao contemplar Jesus carregando o madeiro ao Calvário, para nele ser crucificado, São Cirilo de Alexandria observa que “um é trucidado por todos, para ganhar para Deus Padre todo o gênero humano”. Jesus quis deixar-Se matar para ganhar para Deus todos os homens que se haviam perdido.

Por isso – pondera Santo Afonso de Ligório –, imensa é a nossa obrigação para com Ele. Pois quão grande deveria ser a obrigação de um réu, já condenado à morte, para com alguém que livremente tomasse seu lugar nesse suplício para livrá-lo? Quanto não deveria amar e ser reconhecido a este benfeitor? Ora, isso foi justamente o que fez Jesus: tomou nosso lugar na condenação e quis morrer na Cruz para nos livrar da morte eterna.

E eu, como tenho me colocado diante dessa grande obrigação para com o meu Salvador? Quão crescente tem sido meu amor e reconhecimento pelo Sacrifício que fez por mim?

Minhas atitudes cotidianas refletem uma busca constante pela prática da virtude, a fim de corresponder aos cruéis sofrimentos que Jesus sofreu por mim com sua Cruz às costas?

II - É nesta terra que merecemos o Céu

Sendo essa terra lugar de merecimentos, é chamada com razão de vale de lágrimas, pois a Providência permite que o sofrimento nos apareça em muitas esquinas da vida. O merecimento, contudo, não consiste somente em sofrer, mas em padecer com resignação diante da vontade divina.

1. Jesus nos ensinou a sofrer com paciência

Sendo, porém, a natureza humana avessa ao sofrimento, o Verbo Eterno baixou do Céu à terra para nos ensinar a carregar as nossas cruces com paciência. Jesus Cristo quis, portanto, sofrer para nos animar ao sofrimento, e não só no tempo de sua Paixão, mas durante toda a sua vida.

Donde nos censurar Santo Afonso: “Que vergonha para nós, que nos gloriamos de seguir Jesus Cristo e Lhe somos tão dessemelhantes! Adoramos a Santa Cruz, celebramos as suas festas, gloriamos-nos de combater sob este estandarte triunfante, e somos tão ávidos de prazeres! Até quando seremos assim?”

2. O exemplo dos Santos

Animados pelo exemplo de Jesus Cristo, os santos sempre consideraram as adversida-



des como um tesouro. Muitos renunciaram a riquezas, posses, dignidades e honrarias do mundo para cumprir a vocação de abraçar a Cruz de Cristo e subir com Ele ao Calvário, por um caminho semeado de espinhos.

O Senhor, porém, que nunca Se deixa vencer em generosidade, quis recompensar já nesta terra a essas almas generosas e lhes tornou muito suaves os frutos da árvore da Cruz. Tanto que se regozijavam no meio das tribulações, e talvez um mundano nunca se mostrasse tão ávido de prazeres, como os Santos o foram de sofrimentos.

Por isso, Santo Afonso nos exorta a não sermos “do número dos loucos que se assustam à vista da Cruz” e fogem dela porque lhe conhecem somente o exterior. Pelo contrário, abrace-mos de boa vontade as tribulações que o Senhor julgue por bem nos enviar e consideremos atentamente as vantagens que delas nos provêm.

E quando a natureza se revoltar contra os sofrimentos, lancemos um olhar sobre o Redentor com a Cruz às costas, e digamos com o Apóstolo: “Padecemos com Jesus, para também com Ele sermos glorificados” (Rm 8, 17).

3. A cruz nos espera em toda parte

Como afirma Santo Afonso de Ligório, neste mundo procuramos a paz e desejaría-

mos encontrá-la sem sofrimento, mas isso é impossível no estado presente, pois as cruzes nos esperam em todo lugar em que nos acharmos. Como, pois, encontrar a paz no meio dessas cruzes? Pela paciência, abraçando a cruz que se nos apresenta.

Diz Santa Teresa que todo aquele que arrasta sua cruz com má vontade sente o peso dela, por menor que seja; quem, porém, a abraça com boa vontade, não a sente, ainda que seja muito pesada. E Tomás de Kempis ajunta que todo aquele que leva a cruz com resignação, a mesma cruz o conduzirá ao fim desejado, que neste mundo é agradar a Deus e no outro amá-Lo eternamente.

III - Símbolo do triunfo de Cristo e dos cristãos

A Cruz, outrora considerada como o pior dos desastres na vida de alguém, um símbolo de ignomínia que serviu para a execução de tantos criminosos, é hoje exaltada pela Igreja porque Nosso Senhor Jesus Cristo veio ao mundo mostrando o quanto ela Lhe é própria. É “o sinal do Filho do Homem” (Mt 24, 30) e Ele a transformou em símbolo de triunfo! Por isso, a Cruz brilha no alto das catedrais, na ponta das coroas e no centro das mais importantes medalhas.

1. Seguir Jesus com a cruz às costas

Não sem razão, pois, Jesus fundou sua realeza sobre o suplício da Cruz, humilhando-Se e padecendo, e de boa vontade Se sujeitou a levá-la nessa viagem dolorosa para, com seu exemplo, dar-nos coragem de abraçar com resignação a sua Cruz e assim segui-Lo.

Com bondade e gravidade, Ele Se dirige a todos os seus discípulos: “Se alguém quer vir após mim, abnegue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-Me” (Mt 16, 24).

2. Nossa esperança e conselheira

Os mesmos Santos que com tanta generosidade abraçaram a cruz do Senhor, não se cansaram de exaltá-la, como o fez São João Crisóstomo, que a saúda com belas expressões. Ele a chama de “esperança dos desprezados”: que esperança de salvar-se teriam os pecadores, se não fosse a Cruz em que Jesus Cristo morreu para remi-los?; “guia dos navegantes”: a humilhação que nos vem da cruz (isto é, da tribulação) é a causa de obtermos nesta vida, como num mar cheio de perigos, a graça de observar a lei divina, e, se a transgredimos, a de nos emendar.

E continua: “conselheira dos justos”: os justos tiram da adversidade motivo e razão

para unirem-se mais com Deus; e a chama também de “alívio dos atribulados”: donde tiram os aflitos maior lenitivo senão do aspecto da Cruz, na qual morreu, cheio de dores por seu amor, seu Redentor e seu Deus?

3. *Pela cruz, chegamos à luz*

Por fim, consideremos que a Cruz de Cristo é a via da glória. Por isso se diz com tanta razão que: “*Per crucem ad lucem* – É pela cruz que se chega à luz”. E é este o princípio que a festa da Exaltação da Santa Cruz oferece para nosso benefício espiritual: se queremos atingir a santidade, nada é tão central quanto saber sofrer.

O momento decisivo de nossa perseverança não é aquele em que a graça sensível nos toca e damos passos vigorosos na virtude, mas, sim, a hora da provação, quando as tentações nos assaltam e experimentamos nossa debilidade.

Ser tentado é algo inevitável e necessário depois do pecado original. Nessa hora, devemos resistir abraçados à cruz, certos de que nela se encontra nosso consolo, nossa força e nossa única esperança.

Conclusão

Desde a *Via Crucis* de Jesus carregando seu instrumento de suplício às costas, gera-



Filius Dei dicitur et non est filius vestros

ções e gerações se passaram, mas a Cruz do Redentor permanece como sinal de triunfo, de misericórdia e de perdão. Pela Cruz, Deus manifesta continuamente ao mundo seu infinito amor aos homens, um amor que nenhum mal será capaz de vencer. É através da Cruz que o mundo e a humanidade são salvos.

A maior palavra que Deus revelou à humanidade, através de seu Unigênito, é a palavra da Cruz. Ela é o sinal de que a fé veio a esta terra e nela persistirá até o fim dos tempos.

Peçamos à Virgem Santíssima de Fátima que grave de modo indelével em nossos corações essa verdade sobre a Santa Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, e por ela, ao término de nossa passagem neste mundo, nos faça chegar à luz da bem-aventurança eterna.

Ó Mãe nossa, rogai por nós a vosso Divino Filho que tanto padeceu por nossa salvação, e alcançai-nos a graça de imitá-Lo na paciência e na resignação à vontade do Pai, quando em nosso caminho encontrarmos a cruz.

Que saibamos carregá-la por amor a Ele e a Vós, com inteira confiança no vosso maternal auxílio, seguros de que, assim amparados, depois de padecer convosco, convosco também seremos glorificados na eterna bem-aventurança. Nessa intenção, ó querida Mãe, a Vós rezamos, dizendo:



Salve Rainha

Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve. A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A Vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, Advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei; e depois deste desterro nos mostrai Jesus, bendito Fruto do vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria.

V. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus,

R. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.





CRUCIFIXÃO E MORTE
DE NOSSO SENHOR
JESUS CRISTO

A morte de Jesus é nossa vida

Composição de Lugar

Façamos nossa composição de lugar imaginando a cena da crucifixão no alto do Calvário. As três cruzes se destacando no alto da montanha, sob um céu que vai se toldando por densas e escuras nuvens. Na cruz do meio, mais elevada, está pregado o nosso Redentor, que oferece ao Pai seu supremo Holocausto. Aos pés da Cruz, a Mãe Dolorosa, Maria Santíssima, tem os olhos postos no Divino Filho, compartilhando daquele Sacrifício pela salvação do gênero humano.

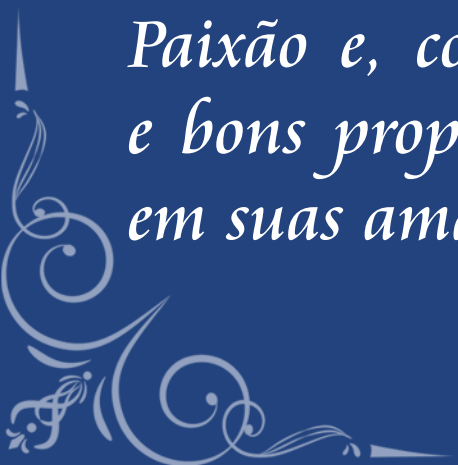


Oração

Preparatória

Ó Mãe e Senhora de Fátima, por esta meditação alcançai-me a graça de me unir intimamente ao sofrimento redentor de vosso Divino Filho, tendo por Ele a mesma compaixão e a mesma compreensão de suas dores, como Vós, ó Mãe, tivestes naqueles dolorosos momentos.

Que, com a vossa ajuda, possa eu acompanhar meu Salvador nestes passos de sua Paixão e, com minhas preces e bons propósitos, consolá-Lo em suas amarguras. Amém.



I - Causa da beleza de nossas almas

E eis que o Senhor, que era o mais formoso dos homens (Sl 44, 3), aparece no Calvário deformado em seu semblante e em todo o seu corpo, por causa da cruel flagelação e dos tormentos que sofrera desde a sua prisão no Horto das Oliveiras.

1. Deformado e ainda mais belo

Tão assustadora é a sagrada figura do Redentor nesse estado, que Ele causa horror a quem O vê no alto do Gólgota, pronto para ser imolado. Porém, afirma Santo Afonso, essa deformidade O faz parecer mais belo ainda aos olhos das almas que O amam, já que aquelas chagas, aquelas pisaduras, aquelas carnes dilaceradas são provas e sinais do amor que Ele nos tem.

Sim, porque aquela deformidade de Jesus crucificado foi a causa da beleza de nossas almas que, até então disformes, lavadas no seu Precioso Sangue, tornaram-se graciosas e belas, segundo o que escreve São João: “Esses que estão revestidos de estolas brancas, quem são e donde vieram? São os que vieram de uma grande tribulação e lavaram as suas ves-

tes e as embranqueceram no Sangue do Cordeiro” (Ap 7, 13).

Todos os Santos como filhos de Adão – exceto a Santíssima Virgem – estiveram por algum tempo recobertos com uma veste sórdida, mas lavadas com o Sangue do Cordeiro tornaram-se cândidas e agradáveis a Deus. Seremos nós também do número destes justos que lavam suas almas no Sangue redentor de Cristo, que se arrependem e se purificam de suas faltas para aparecerem limpos aos olhos do misericordioso Jesus? Meditemos em como se encontra o estado de nossa alma...

2. Jesus na Cruz, espetáculo de amor e justiça

Jesus na Cruz foi um espetáculo que encheu de admiração o Céu e a terra. Foi esse um espetáculo da justiça do Padre Eterno que, para reparar diante de Si o pecado do homem, puniu-o na Pessoa de seu amadíssimo Filho Unigênito. Foi um espetáculo principalmente de amor ver um Deus que oferece e dá a vida para remir da morte os escravos, seus inimigos.

Esse espetáculo foi e será sempre o objeto mais caro da contemplação dos Santos, pelo qual desprezaram e se despojaram de todos os bens e prazeres da terra e abraçaram com alegria as penas e a morte, para mostrar de al-

gum modo sua gratidão a um Deus que morreu por seu amor.

Confortados com a vista de Jesus desprezado na Cruz, os Santos amaram os desprezos mais do que os mundanos prezam todas as honras do mundo. Vendo Jesus morrer nu na Cruz, todo coberto de chagas, escorrendo sangue de todos os seus membros, eles renunciaram aos prazeres sensuais e procuraram o mais possível crucificar a sua carne para acompanhar com suas dores as dores do Crucificado.

Vendo a paciência de Jesus Cristo em querer sofrer tantas penas e opróbrios por nosso amor, aceitaram em paz e com alegria as injúrias, as enfermidades, as perseguições e os tormentos. Vendo, finalmente, o amor que Jesus Cristo lhes demonstrou, sacrificando por nós sua vida sobre a Cruz, sacrificaram a Jesus tudo quanto possuíam, almejando a glória eterna no Céu.

E nós, que exemplo seguimos em nossa vida de cristãos: o dos Santos ou o dos mundanos?

II - Maria, nossa Mãe junto à Cruz do Filho

Diz o Evangelista que aos pés da Cruz de Nosso Senhor estavam Maria, sua Mãe, e o discípulo por Ele amado.

1. A frutuosa dor de Maria

Assim como o Filho sacrificava a vida, sacrificava Maria a sua dor pela salvação dos homens, participando com suma resignação de todas as penas e opróbrios que o Filho sofria ao expirar.

Segundo um piedoso autor, depreciam a constância de Maria os que A representam desfalecida aos pés da Cruz: Ela foi a Mulher forte que não desmaia, não chora, como escreve Santo Ambrósio: “Leio que estava em pé e não leio que chorava”.



A dor que a Santíssima Virgem suportou na Paixão do Filho, superou todas as dores que pode padecer um coração humano. A dor de Maria não foi uma dor estéril, como a das outras mães vendo os sofrimentos de seus filhos; foi, pelo contrário, uma dor frutuosa: pelos merecimentos dessa dor e por sua caridade, assim como é Ela Mãe natural de nosso Chefe Jesus Cristo, tornou-Se então Mãe espiritual dos fiéis membros de Jesus, cooperando com sua caridade para nosso nascimento e para fazer-nos filhos da Igreja.

2. Nossa Mãe e Corredentora

Escreve São Bernardo que no Monte Calvário estes dois grandes mártires, Jesus e Maria, Se calavam: a grande dor que Os oprimia tirava-Lhes a faculdade de falar. A Mãe contemplava o Filho agonizante na Cruz, e o Filho, a Mãe agonizante ao pé da Cruz, toda extenuada pela compaixão que sentia pelas penas d'Ele. “Em seguida disse ao discípulo: Eis aí a tua Mãe”, para que entendêssemos que Maria Santíssima é a Mãe de todo bom cristão, que é amado por Jesus Cristo e no qual Jesus vive com seu espírito.

Escreve um santo autor que, na Paixão de Jesus Cristo, Maria nutriu-Se do Sangue que corria das chagas de Jesus, para que Ela

depois nos alimentasse a nós, seus filhos. E acrescenta que esta divina Mãe, com suas preces e merecimentos, adquiridos particularmente na morte de Jesus Cristo, tornou-Se também nossa Corredentora, obtendo-nos a participação nos méritos da Paixão do Redentor.

Façamos, pois, o firme propósito de sempre implorarmos o amparo desta Mãe indizivelmente solícita e amorosa para conosco, que nos gerou espiritualmente nas dores do Calvário, e está sempre disposta a nos socorrer em nossas necessidades, sobretudo nos nossos momentos de dor e de provação.

III - A Paixão de Cristo nos leva ao Céu

Escreve São João Evangelista que nosso Redentor, antes de expirar, inclinou a cabeça: “E tendo inclinado a cabeça, entregou seu espírito” (Jo 19, 30). Inclinou a cabeça para significar que aceitava a morte, com plena submissão, das mãos de seu Pai, a quem prestava humilde obediência; e também para demonstrar que não morreu por necessidade ou por violência dos carrascos, mas porque o quis espontaneamente, para salvar o homem da morte eterna a que este estava condenado.



1. Com sua morte, Jesus venceu o pecado

Com sua morte, nosso Salvador veio destruir a morte a nós devida pelo pecado. Por isso escreve o Apóstolo: “Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado” (I Cor 15, 54).

O Cordeiro divino Jesus, com sua morte, tirou do mundo o pecado e, consequentemen-

te, nos livrou da morte eterna a que estava sujeito até então todo o gênero humano. Esta foi a vitória da Cruz: Cristo, que é o Autor da vida, com a sua morte recuperou-nos a vida. Por isso canta a Igreja: “A vida suportou a morte e pela morte produziu a vida”.

Se até então era a morte um objeto de dor e de terror, Jesus, morrendo, transformou-a em um trânsito do perigo de uma ruína eterna para a segurança de uma felicidade eterna, e na passagem das misérias desta vida às delícias imensas do Paraíso. Por isso diz Santo Agostinho que os amantes do Crucificado vivem com paciência e morrem com alegria.

2. O caminho para a feliz eternidade

Na verdade, muitíssimas almas felizes, vendo Jesus crucificado e morto por seu amor, abandonaram tudo, posses, dignidades, pátria e parentes, chegando até a abraçar os tormentos e a morte, para se entregarem alegre e inteiramente a Ele.

Como é então possível – adverte-nos Santo Afonso – que tantos outros cristãos, ainda que saibam pela fé que Jesus Cristo morreu por todos, em vez de dedicar-se a seu serviço e amor, se empenham em ofendê-Lo e desprezá-Lo por

prazeres breves e miseráveis? Donde nasce tão grande ingratidão? Provém do esquecimento da Paixão e Morte de Jesus Cristo. Mas, ó Deus, qual será o seu remorso e vergonha no dia do Juízo, quando o Senhor lhes lançar em face quanto fez e padeceu por eles?

Não deixemos nós – acrescenta Santo Afonso – de ter sempre diante dos olhos a Jesus crucificado que morre entre tantas dores e ignomínias por nosso amor. Todos os Santos receberam da Paixão de Jesus Cristo aquelas chamas de caridade que os levaram a despojar-se de todos os bens deste mundo e até de si mesmos, para se entregar exclusivamente ao amor e serviço desse Divino Salvador, que, enamorado dos homens, não podia fazer mais do que fez para ser amado por eles.

A cruz, isto é, a Paixão de Jesus Cristo, é que obterá a vitória sobre todas as nossas paixões e sobre todas as tentações que nos suscitará o Inferno para nos separar de Deus. A cruz é o caminho, a escada para subir ao Céu. Bem-aventurado quem a abraçar em vida e não a deixar senão na morte.

Quem morre abraçando a cruz tem um penhor seguro da vida eterna, a qual já foi prometida a todos os que com ela seguem a Jesus crucificado.

Conclusão

Concluamos esta meditação pedindo a Maria Santíssima, nossa Mãe e Corredentora, que nos alcance a graça de sabermos contemplar Jesus no alto da Cruz e de devotarmos a Ele todo o nosso amor por vê-Lo pálido e abandonado, sem fala e sem respiração, porque já não tem mais vida, uma vez que a imolou para que nossas almas vivessem; sem sangue, porque já o derramou todo para lavar os nossos pecados.

Ó Mãe, fazei-nos compreender que Jesus, com sua morte, tirou o horror à nossa morte, transformando-a na ditosa passagem para a felicidade eterna. E obtendo-nos que, unindo nossos sacrifícios aos méritos infinitos do Sacrifício do Salvador, sejamos dignos de gozar da mesma glória que Ele e Vós já desfrutam no Céu. Amém.



Salve Rainha

Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve. A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A Vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, Advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei; e depois deste desterro nos mostrai Jesus, bendito Fruto do vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria.

V. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus,

R. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.



